

REVOLUTION AND WAR

Stephen M. Walt, Ithaca, New York, Cornell University Press, 1996.

Actualmente, a teoria das relações internacionais confronta-se com um problema da maior relevância: como conciliar as particularidades da política interna com as exigências e autonomia de funcionamento do sistema internacional. Recorrendo à linguagem de Kenneth Waltz, dir-se-á que a tarefa que se impõe é a de conciliar a segunda imagem (o Estado) com a terceira (o sistema internacional). A tendência generalizada dos “scholars” é de se concentrarem na análise da política interna dos Estados ou no sistema internacional, de compartimentar conhecimentos, sendo que poucos conseguem articular uma teoria capaz de abranger os dois níveis de análise e, assim, explicar as interações entre o “interno” e o “externo”. Razões várias de natureza metodológica coincidem para inviabilizar a formação de uma “grande teoria”: o número elevado de variáveis, a dificuldade em estabelecer relações causais, informação incompleta, e generalizações parciais.

O recente trabalho de Stephen Walt, *Revolution and War*, é uma contribuição significativa para ultrapassar esse fosso entre o “interno” e o “externo”. Antes de Walt, já Henry Kissinger, especialmente no seu *A World Restored*, havia examinado o papel das potências revolucionárias no sistema internacional. Para Kissinger, essas potências, como a França napoleônica, são consideradas elementos de perturbação e instabilidade internacionais porque prosseguem políticas externas ilimitadas, resultantes de ideologias totalizantes. Estados revolucionários, inerentemente agressivos, são ameaças permanentes à paz e à estabilidade internacionais.

À semelhança de Kissinger, o ponto de partida teórico de Walt é o paradigma realista. Significa isto que o autor aceita a proposição de que os Estados agem dentro de um sistema anárquico e, por isso, a maximização da sua segurança, (entendida como, no mínimo, a sobrevivência física da entidade política), assume um valor primordial. Demarcando-se da perspectiva estruturalista (neo-realista) de Kenneth Waltz, Robert Gilpin e outros, Stephen Walt não privilegia o “equilíbrio de poder” na sua análise, isto é, a distribuição do poder a nível sistémico. Em vez disso, Walt retoma o conceito de “equilíbrio de ameaça”, previamente desenvolvido no seu livro *The Origins of Alliances*, publicado em 1987. Nessa obra,

Walt argumentou que decisões de segurança são largamente determinadas pelas "percepções" dos actores e pelas suas "expectativas" quanto aos "ganhos" decorrentes de optar entre uma multiplicidade de estratégias. Mais do que a quantificação do "equilíbrio de poder", são as considerações subjectivas dos estadistas que ditam o relacionamento entre Estados. Esta observação afigura-se extremamente importante porque Walt insiste na impossibilidade de compreender, ou prever, as consequências internacionais da "revolução" dentro de um quadro analítico neo-realista. Se é verdade que o "equilíbrio de poder" não é um factor irrelevante no estudo das consequências sistémicas das revoluções, não deixa de ser menos verdade que esta não é a variável determinante. Segundo Waltz, as revoluções conduzem à intensificação da insegurança dos Estados directamente afectados, particularmente os países circundantes e as potências hegemónicas. Assiste-se, pois, como que a uma "espiral de ameaça e insegurança" que se intensifica, obrigando os Estados a tomarem medidas a fim de constituir um novo "equilíbrio de ameaça" o qual, por sua vez, torna a guerra inter-estatal mais provável.

Mas será inevitável que uma revolução venha aumentar a percepção de insegurança, intensificando a competição que daí decorre? Tentando responder a esta interrogação, Walt parte da premissa de que as revoluções, fenómenos infrequentes, normalmente provocam alterações no "equilíbrio de ameaça" e, também, introduzem novas formas de organização política e social. É neste sentido que as revoluções ultrapassam o seu significado nacional, assumindo uma relevância que alastra muito para além das suas fronteiras originais, criando uma lógica de "contágio" revolucionário. Resta saber se a resposta mais adequada à revolução triunfante é a acomodação ou a intervenção para derrubar o novo regime revolucionário.

As revoluções, na óptica de Walt, alteram profundamente a percepção do Estados e das suas capacidades, assim aumentando a probabilidade da guerra. Este clima de insegurança permanece mesmo quando se trata de um Estado revolucionário fraco, de capacidade militar reduzida. Neste caso, a fraqueza do poder revolucionário, e a instabilidade política interna que gera, poderão levar Estados terceiros a intervir para derrubar o poder revolucionário. Considerando que os novos regimes revolucionários normalmente exageram as diferenças que os separam dos seus antecessores, é de antecipar o surgimento de hostilidades com aliados tradicionais. A possibilidade da revolução passar a contagiar outros

Estados, a percepção de que a revolução pode ser facilmente exportada, ou que os revolucionários poderão ser facilmente derrotados, aumenta, por sua vez, o clima de insegurança porque os Estados circundantes podem ser tentados a intervir.

A lógica neo-realista sugere que as condicionantes do sistema internacional, particularmente o mecanismo “equilíbrio de poder”, invariavelmente “domesticam” os regimes revolucionários. O sistema internacional age, pois, como um factor propício a moderação, obrigando a uma diminuição dos objectivos ilimitados dos Estados revolucionários. Ora, é precisamente esta lógica que Walt contesta.

É a partir destas considerações que Stephen Walt analisa sete “case studies”, demonstrando um paradoxo inerente aos regimes revolucionários. A fraqueza real destes torna-os agressivos porque entendem que os demais Estados estão empenhados em restaurar o “status quo ante”. Por sua vez, os Estados anti-revolucionários frequentemente confundem declarações e intenções ideológicas com capacidades reais de actuação. Estes equívocos de percepção criam, também, uma escalada de erros que poderá conduzir à guerra. Conclui-se, portanto, que as revoluções podem constituir acontecimentos da maior importância, mas a sua relevância e impacto internacionais dependem largamente da reacção dos restantes Estados. Não é, pois, surpreendente que Walt aconselhe a moderação e a manutenção das portas de comunicação com os Estados revolucionários. Estes conselhos parecem ser particularmente valiosos numa altura em que os “rogue states” adquirem cada vez mais relevância na política mundial.

Vasco Rato